



APROXIMAÇÕES ENTRE O DIVINO, O COSMOS E A POLÍTICA: UMA ANÁLISE DA OBRA *DE CLEMENTIA*, DE SÊNECA

**APPROXIMATIONS BETWEEN THE DIVINE, THE COSMOS AND POLITICS:
ANALYSIS OF SENECA'S *DE CLEMENTIA***

Ana Paula Saraiva Ferreira¹

RESUMO

O seguinte artigo tem como objetivo dissertar sobre as relações entre o humano e o divino desenhadas no tratado *De clementia*, escrito pelo ilustre filósofo Sêneca. As aproximações entre o divino e o humano construídas pelo autor permitem o exercício de uma leitura a partir da análise da relação entre a política e o cosmos. Destinada ao jovem imperador Nero, *De clementia* é uma obra muito relevante que, além de refletir as concepções do filósofo, elabora novos moldes para as conexões entre o divino e o humano. Ao elevar Nero à grandeza que somente os deuses possuíam, Sêneca estabelecia uma linha tênue entre os dois mundos.

Palavras-chave: Sêneca; estoicismo; Nero.

ABSTRACT

This article aims to discuss the relationships between the human and the divine as presented in the treatise *De Clementia*, written by the philosopher Seneca. The approximations between the divine and the human constructed by the author allow for an analysis based on the relationship between politics and the cosmos. Addressed to the young emperor Nero, *De Clementia* is a highly relevant work that, beyond reflecting the philosopher's conceptions, proposes new frameworks for the connections between the divine and the human. By elevating Nero to a level of greatness traditionally attributed only to the gods, Seneca establishes a subtle boundary between the two realms.

Keywords: Seneca; stoicism; Nero.

INTRODUÇÃO

A obra "*De Clementia*" de Sêneca foi e continua sendo objeto de análise de diversos estudos, pois as obras do autor transcenderam a finitude de sua passagem no mundo. Susanna Braund (2015, p. 15) narra como, na obra dos *Anais* de Tácito, é possível saber que Sêneca, ao descobrir seu infortúnio destino, defende que sua morte é um ato político e filosófico (*Ann.* 15.62). Ele honra isso ao oferecer a imagem de sua vida aos seus amigos, imagem essa que, felizmente, não findou ao tempo. A trajetória do filósofo e suas inúmeras obras continuam a ser admiradas, questionadas e discutidas por gerações. Sêneca não ofereceu a imagem de sua vida apenas aos seus amigos ou ao cenário da Roma Antiga, mas a gerações que seguem tentando desvendar suas ações, reflexões e escritas.

¹ Mestranda em História na Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP. Artigo elaborado para a disciplina externa remota Religião, Conhecimento e Cosmologia, ministrada pela Professora Dra. Claudia Beltrão da Rosa, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Contato: ana.psf@aluno.ufop.edu.br



Sêneca foi um homem multifacetado - escritor, filósofo estoico, político. Neste artigo, pretendemos destrinchar um pouco de suas facetas e das construções que envolvem o tratado intitulado como *De Clementia*, obra construída no início do principado do Imperador Nero Claudio César Germânico (37–68 d.C.) (MALASPINA, 2014, p.176). Mais especificamente, verificaremos as aproximações realizadas por Sêneca entre o cosmos e a política. Ao escrever esse tratado, o conselheiro do jovem Imperador Nero compõe a relação entre o homem e o divino como forma de guiar o *princeps* em suas ações, demonstrando o peso e a grandeza da posição que ocupa, em uma linha tênue entre os dois mundos. Nero é concebido tanto como alguém que deve agir em nome dos deuses, quanto como alguém que desfruta dos poderes supremos.

Inserido em um âmbito político complexo, é possível perceber como a mobilização das divindades na obra reflete nas intenções de Sêneca de reconfigurar a relação entre Nero, o Senado e o poder. A partir de um anseio por moderação, o filósofo compõe um tratado filosófico com aspectos imperiais que demonstram não só o agir por meio da clemência, mas também contrapõem os governos tirânicos, estes que se afastam totalmente dos deuses. Percebe-se, então, que Sêneca propõe a construção de um modelo de *princeps* ideal, que tem como modelo de conduta os próprios deuses.

Para uma melhor compreensão da obra e dos modos como o divino era mobilizado na Roma Antiga, primeiramente, o artigo fará um apanhado rápido do cenário da República Tardia, momento em que o cosmos e a política estavam fortemente alinhados. Por conseguinte, será feita uma breve explanação de como ocorreu a recepção das ideias de religiosidade e divinização no período Imperial e, de como autores antigos, especificamente Sêneca e a escola estoicista, se relacionaram com essa mobilização e trouxeram novos moldes para a relação. Dito isso, será realizada uma exposição acerca da trajetória de Sêneca e a forma como sua relação com Nero, pauta discutida nas principais fontes², decorreu ao longo do principado. Ao entender o cenário no qual a obra *De Clementia* está inserida, será possível compreender as movimentações políticas que formaram o motor propulsor para a escrita da obra e seus conteúdos. O objetivo do artigo é trazer à luz novas perspectivas sobre essa obra, ao explorar as nuances entre o divino e o humano presentes na escrita de Sêneca, observando não só o cenário em que o filósofo estava inserido, como também, explorando um pouco da trajetória desses saberes e do próprio filósofo.

² As principais fontes que tratam sobre o assunto são os Anais de Tácito, especificamente nos livros XII a XIV, a biografia de Nero contida no livro Os Dozes Césares de Suetônio e a obra História Romana, especificamente nos livros 62 e 63 de Dião Cássio.



A RELAÇÃO ENTRE O DIVINO E A SOCIEDADE NA REPÚBLICA TARDIA

Para entender um pouco mais sobre a relação do divino e do humano composta por Sêneca em *De Clementia*, é necessário primeiro voltar no tempo e esmiuçar como essa relação acontecia na República Tardia (tradicionalmente entre 133 a.C. e 27 a.C), período que antecede a era Imperial de Roma. No período republicano, a teologia romana reconhecía a influência divina na natureza, que tinha como poder reforçar a legitimidade do governo republicano (LEHOUX, 2012, p. 21). Em um entrelaçamento complexo, Cícero, a e.g., em sua obra *De Divinatione*, argumenta que é necessário entender as leis e a justiça a partir da natureza, que se relaciona diretamente com a sociedade (LEHOUX, 2012, p.30-31). Para Cícero, a natureza da justiça se encontra na própria natureza do homem, sendo esta a lei de racionalidade mais elevada (LEHOUX, 2012, p. 31).

A interligação entre a natureza e os deuses era algo concreto. Desse jeito, ela permitia que em momentos como os de contemplação cuidadosa da natureza, os seres humanos pudessem ter a oportunidade de adquirir conhecimento que seriam aplicados, inclusive, no âmbito político (LEHOUX, 2012, p. 38-39). Dessa maneira, não existia uma barreira entre ciência e religião, ambas caminhavam juntas ao buscarem por respostas sobre o cosmos e sobre a vida. Essa característica pode ser observada a partir das obras de Cícero e de Ptolomeu, autores antigos que escreveram, a e.g., sobre a relação entre as notas musicais e os sons celestes e a simetria que os torna próximos (LEHOUX, 2012, p. 176-181). Assim, a relação entre esses âmbitos ia além de uma mera proximidade, esses elementos se moviam uns através dos outros, havia uma forte correlação (LEHOUX, 2012, p. 191).

Essa breve explanação sobre a relação entre o cosmos e a política na República Tardia revela seus alinhamentos, mas como essas ideias da teologia romana sobreviveram ao período imperial? A recepção dessas ideias é um tópico que pode ser explorado no Principado de Augusto (63-14 d.C.), primeiro imperador a assumir o poder. Duncan MacRae, em seu livro *Legible Religion*, trata desse assunto a partir de uma perspectiva interessante, visto que, segundo o próprio autor, suas ideias vão na contramão de alguns estudos que não consideram o material teológico produzido no período republicano e sua influência no período imperial (MACRAE, 2016, p.102). Apesar de a discussão do autor girar em torno da religião romana, ele relata como essas obras de teor religioso influenciaram os imperadores como Augusto e Claudio. MacRae argumenta que, ao utilizar esses livros, os imperadores poderiam fazer demonstrações de suas ações piedosas e justificar suas ações por meio da tradição romana (MACRAE, 2016, p. 104). Logo, o uso da teologia romana era aplicado tanto no âmbito político quanto no religioso.



COSMOLOGIA ESTOICA: UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Conforme o principado trabalhava com as obras citadas anteriormente - como as de Cícero e Ptolomeu - novos autores surgiam com concepções que podiam se aproximar ou distanciar das visões da teologia romana. Nesse sentido, MacRae posiciona Sêneca, no reinado de Claudio e Nero, como um dos autores que tem uma recepção mais radical ao que concerne à teologia civil (MACRAE, 2016, p.117). Tal crítica provém, em parte, de sua linha estoica, que considera o conhecimento filosófico como essencial para a construção de um homem sábio. Para Sêneca, a teologia está ligada à física e, assim, ele compreendia o cosmos como a manifestação do deus cósmico. Portanto, escrever filosoficamente sobre as virtudes não podia ocorrer sem se conhecer propriamente a divindade (SETAIOLI, 2014, p. 379).

A escola estoicista, que cresceu e se tornou uma das principais escolas também durante o Império de Augusto (LAPIDGE, 1989, p. 1393), via o cosmos como racional, pois além de possuir uma inteligibilidade, ele também estava sujeito à processos racionais (SALLES, 2013, p.50). O entendimento do cosmos como racional provinha, principalmente, de três vieses: 1) Era um corpo esférico completo que contém todo os seres, sejam animados, sejam inanimados e se localizava em um vazio infinito; 2) Se comportava como um deus, visto que a ordem cósmica era indestrutível; 3) deus e o cosmos eram idênticos, logo, assim como o deus era inteligente, o cosmos também era (SALLES, 2013, p.52). Além disso, o cosmos se manifestava como racional, visto que tudo que acontecia no mundo estava de acordo com o governo divino, assim seu poder se estendia sobre todas as coisas (BOERI, 2009, p.187). A física estoica era outro viés que reforçava como o universo era racionalmente ordenado, uma vez que segundo essa, tudo o que ocorria, acontecia pelos melhores motivos, e sempre havia uma necessidade por trás de cada acontecimento (HINE, 2010, p. 11). Sendo assim, tudo que permeava a natureza era racional, e tudo que era racional, era também natural (BOERI, 2009, p.187).

Nesse íterim, Sêneca e outros estoicos consideravam essencial que os seres humanos possuíssem conhecimento acerca do cosmos e insistiam que era preciso que vivessem em harmonia com a natureza, pois esse seria o caminho para contemplar o universo e moldar suas ações (LAPIDGE, 1989, p.1398). Tal conhecimento pode ser alcançado por meio da filosofia, haja visto que para os estoicos, ele estava pautado na lógica, na física e na ética. Portanto, o estudo da filosofia necessitava abarcar o estudo dos deuses, do cosmos como um todo e como o sistema entre deuses, humanos e natureza funcionava em conjunto. Segundo o próprio Sêneca, em sua obra *De Otio* (*De Otio*. 8), o estudo do cosmos proporcionava ao ser humano não só orientação moral, mas também concedia ao ser humano a oportunidade de realizar aquilo que era seu propósito. Sendo



assim, esse estudo tinha o poder de libertar nosso corpo e integrar nossa natureza ao divino, promovendo uma estreita e única conexão com o deus cósmico (BOERI, 2009, p.197).

Outro ponto a ser discutido a partir dessa relação entre ser humano e o cosmos era que os estoicos, e mais precisamente Sêneca, entendiam que o indivíduo fazia parte da natureza universal e que, de diferentes formas, o próprio refletia isso (BOERI, 2009, p.188-189). Assim, para os estoicos, era preciso que o ser humano exibisse aquilo que era excelente, pressuposto que só poderia ser alcançado caso o indivíduo vivesse de acordo com a virtude, que refletia a excelência do ser vivo racional (BOERI, 2009, p.188-189). Segundo Sêneca, por fazermos parte desse todo, a racionalidade que habitava em nós era algo divino, uma vez que também fazemos parte do deus cósmico (BOERI, 2009, p.198).

Era nesse meio que adentrava a virtude da *clementia* (clemência), apresentada como elemento essencial para que o jovem governante Nero alcançasse a excelência na posição em que ocupava. Para o filósofo, a clemência significava agir com moderação da mente, por meio de uma brandura que impede que o governante peque pelos excessos (*Clem. I. 2.2.; Clem. II. 3.1*). Nesse sentido, é possível retomar a ideia de Sêneca de que o pensamento filosófico precisava estar atrelado a ação (SEAL, 2015, p.214-215). A clemência assumia a posição de guiar Nero em suas ações como *princeps*. Assim, a clemência não era somente uma emoção, mas sim um dispositivo a ser mobilizado, uma virtude que se sustentava sobre a racionalidade (KONSTAN, 2015, p.178).

Em vista disso, percebe-se como essas construções que perpassavam a relação entre o cosmos e o ser humano, se conectam diretamente com as escritas de Sêneca em *De Clementia*. O filósofo conseguiu não só criar um tratado que alinhasse suas crenças estoicas, mas também compeliu Nero a refletir sobre sua posição como imperador, introduzindo uma virtude que o levasse a agir com prudência.

SÊNECA E NERO

Já que se sabe um pouco sobre como Sêneca se posicionou frente aos pensamentos religiosos, nesse momento faz-se necessário expor um pouco mais sobre a sua trajetória e seu envolvimento com o Imperador Nero. Desse modo, destacamos o contexto histórico na qual a obra *De Clementia* se insere.

O filósofo *Lucius Annaeus Sêneca*, nasceu em Córdoba, aproximadamente entre os séculos I a.C. e IV a.C. E, sendo filho de Sêneca e Hélvia, cresceu numa família de bons recursos (HABINEK, 2014, p.6; BRAUND, 2015, p. 15). Apesar de nascido em Córdoba, Sêneca foi ainda jovem para Roma, onde seguiu seus estudos na área da retórica, e lá também estudou filosofia (BRAUND, 2015, p. 25).



Sua trajetória foi repleta de uma vasta construção de textos e tragédias. O filósofo escreveu diversas obras para além do *De Clementia*, como *De ira* (Sobre a Ira), *Apocolocyntosis* (Apocolocintose)³ e *Ad Polybium de Consolatione* (Consolação a Políbio). Em cada uma delas, o autor constrói reflexões que envolvem seu próprio ser, questões políticas e seu pensamento estoico. Apesar de se ter um vasto conhecimento sobre suas obras, Sêneca ainda é visto como um autor complexo de se ler, já que seus textos e ações nem sempre coincidiam (DRINKWATER, 2019, p. 53).

No ano de 41 d.C., houve uma grande reviravolta na vida de Sêneca. O filósofo foi acusado por Messalina, esposa do Imperador Claudio, de ter cometido adultério com Júlia Livila, irmã do Imperador Calígula (BRAUND, 2015, p.23; HABINEK, 2014, p.9). O filósofo só retornou a Roma no ano 49 d.C., por intermédio de Agripina⁴, mãe de Nero e nova esposa do Imperador Claudio. Agripina ansiava em ter Sêneca como tutor de seu filho (BRAUND, 2015, p.23; HABINEK, 2014, p.9). O filósofo se tornou tutor de Nero quando o jovem ainda tinha doze anos e pôde acompanhá-lo durante sua ascensão e por vários anos de seu principado.

Assim, Sêneca atuou em grande parte de sua trajetória como conselheiro do jovem Nero, último imperador da linhagem Júlio-Cláudia, e se tornou um dos membros mais importantes da corte do *princeps* (DRINKWATER, 2019, p.60). O jovem imperador assumiu com apenas dezesseis anos de idade, logo, seu tutor Sêneca foi essencial para a apresentação de Nero ao Senado e aos seus súditos (BRAUND, 2015, p. 22; MARSHALL, 2014, p.41). Além de Sêneca, Nero também teve o apoio de Burro⁵, comandante da guarda pretoriana, citado pelas fontes como um aliado do filósofo e que possuía uma influência equiparada à de Sêneca para com o Imperador (Tac. *Ann.* 13.2.1.). Citado inúmeras vezes pelas principais fontes que tratam sobre o *princeps*, Sêneca é concebido como um homem que auxiliou Nero na era intitulada posteriormente por estudiosos como “*Quinquennium Neronis*” – esse termo se refere ao período que o Império de Nero foi considerado positivo

³ É importante pontuar que a obra Apocolocintose tem sua autoria contestada. Sendo assim, alguns autores e estudiosos defendem que quem escreveu a obra foi Ps-Sêneca, ou seja; Pseudo-Sêneca.

⁴ Agripina Menor nasceu no 15 d.C., era filha de Germânico e Agripina, a Maior, irmã de Calígula, sobrinha e esposa de Claudio. Ela se casou com Domiciano no ano 28. d.C. e teve seu primeiro e único filho Nero no ano de 37 d.C. Em 39 d.C., Agripina e sua irmã Lúvia foram acusadas de conspiração e exiladas pelo Imperador Calígula. O retorno de Agripina a Roma acontece somente após Calígula ser assassinado e Claudio assumir o poder. Após a morte de Messalina (esposa de Claudio), Agripina foi escolhida como a nova esposa do Imperador e o casamento aconteceu no ano de 49 d.C. Agripina convenceu Claudio a adotar Nero no ano 50 d.C. e arranhou para que o jovem se casasse com a filha de Claudio, Otávia. Para saber mais sobre Agripina (PAGÁN, 2023).

⁵ Sexto Afrânio Burro provavelmente nasceu em Vaison, na província Gallia Narbonensi. Burro se tornou-se tribuno militar ainda jovem, também atuou como superintendente das propriedades de Lúvia Augusta, Tibério e Cláudio. Burro conseguiu uma promoção para atuar como comandante da guarda pretoriana de Agripina, que garantiu que ele ficasse no centro do poder e próximo de Nero. Para saber mais sobre Burro (PAGÁN, 2023).



pelos senadores. Há diversas teorias sobre quais seriam os anos exatos, e algumas dessas assumem que o esse período aconteceu no início de seu principado, entre 54 e 59 a.C.⁶

Além dessa discussão, as fontes Os Doze Césares, de Suetônio, e os Anais, de Tácito, também apresentam essa divisão entre um período positivo e negativo no principado de Nero, cada uma à sua maneira. Na obra de Suetônio não há como destrinchar em termos cronológicos qual foi o período positivo, mas o biógrafo relata brevemente como o início do principado de Nero foi marcado por características como a clemência, virtude que é indicada quando Suetônio narra como Nero desejava não saber escrever para não ter que sentenciar um condenado (Suet. *Nero.10.1*). Já Tácito, no livro XIII dos *Anais*, compõe o cenário do Império deixando mais explícito como a presença de Sêneca, Burro e Agripina eram essenciais para Nero manter um comportamento moderado. No livro XIV, também dos *Anais*, Tácito narra que, sem eles, o *princeps* agia de modo impulsivo e irresponsável, e seu mau comportamento é associado a Popeia, sua segunda esposa. Outra fonte que também pode ser citada é História Romana, de Dião Cássio⁷. O autor também atrela a presença de Sêneca, Agripina e Burro a um período de governo moderado, enquanto na presença de más companhias, Tigelinus e Popeia⁸, Nero age de modo impetuoso e inclemente. Esse contraponto pode ser percebido no livro LXII, momento em que a presença de Tigelinus é trabalhada em paralelo com o mau comportamento de Nero. Desse modo, percebe-se como houve uma relevância da figura de Sêneca no lançamento de Nero como Imperador para as principais fontes que tratam sobre o principado do último Júlio-Claúdio.

Por meio das fontes, também sabemos que a relação entre o *princeps* e o filósofo apresentou diversas nuances. Apesar de ser relatado um vínculo de proximidade e confiança entre Nero e Sêneca tal relação não conheceu apenas momentos positivos (HOOLEY, 2017, p.123). Após a morte de Agripina, no ano 59 d.C., a ligação de Sêneca e Burro começou a enfraquecer, movimento esse que se declinou ainda mais após a morte de Burro em 62 d.C. (DRINKWATER, 2019, p.136). O filósofo solicitou a Nero seu afastamento, mas isso não lhe foi concedido. Assim, Sêneca começou a se afastar dos seus trabalhos de campo e voltou a se dedicar aos textos literários (HABINEK, 2014, p.13). Até que em 65 d.C., Sêneca se posicionou contra o *princeps* durante a Conspiração Pisoniana⁹ e foi

⁶ Sobre o tema *Quinquennium Neronis*, (FAVERSANI, 2020).

⁷ DIÃO CÁSSIO. Roman History V. IX (Historia Romana). Texto traduzido por Earnest Cary, London: William Heinemann, 1925.

⁸ Sobre o tema dessas personagens femininas (AZEVEDO, 2012).

⁹ Tácito relata que a Conspiração Pisoniana (65 d.C.) teve início quando diversos senadores, equestres, soldados e mulheres compartilhavam de um sentimento de ódio contra Nero, ao passo que concordavam com as ideias de C. Piso (*Tac. Ann.* 15. 48-50). A motivação que os guiava era o anseio pelo fim do governo de Nero e por uma substituição no trono. Piso era considerado como o possível sucessor ao trono. Contudo, a Conspiração não obteve sucesso. Anthony Barrett (2016, p.191) narra que o motivo para isso era a falta de uma força motriz por trás da Conspiração. Para saber mais



acusado de estar tramando contra a sua vida. Nero, então, convidou Sêneca a retirar sua própria vida (HABINEK, 2014, p.15). As fontes relatam de modos distintos como aconteceu a morte de Sêneca. Mas voltando ao que foi dito na introdução deste artigo, Sêneca, segundo Tácito, tratou sua morte como um ato político e filosófico.

DE CLEMENTIA

Após delinear as relações entre o filósofo e o *princeps*, observemos o objeto desta análise, *De Clementia*. O cenário no qual a escrita deste tratado está inserida é justamente no início do principado, mais especificamente, entre o final do ano 55 d.C. e o final do ano 56 d.C., primeiro e segundo ano do principado do jovem Nero (KASTER, 2010, p. 133). Apesar de Sêneca já conhecer Nero há anos, quando esse escreveu o tratado, muito da relação entre Nero e Sêneca era mediada por Agripina. Contudo, ao assumir o Império, Nero se deparou com um novo mundo no qual ele tinha o pleno poder de governar. Ao analisar a obra *De Clementia*, percebe-se uma tentativa de Sêneca de guiar Nero em sua trajetória, mobilizando uma ordem superior. O filósofo tinha como objetivo fazê-lo conhecedor, de modo muito poético, o quão poderoso ele era e como deveria agir de modo clemente e, como tinha em suas mãos uma grande responsabilidade.

Acerca da composição da obra, sabe-se por meio do próprio tratado, como seria feita a organização dos textos. Sêneca relata como seria a composição de suas escritas, dando a entender que a obra seria composta por três livros (*Clem.* 1.3). Infelizmente, apenas o primeiro e o início do segundo livro chegaram à contemporaneidade, e não se sabe se Sêneca parou de escrever ou se o resto da obra não sobreviveu ao tempo. Ao propor a clemência, uma virtude ligada aos princípios do estoicismo (CARDOSO, 2005 p. 147 *apud* BUENO, 2020) e que representa um equilíbrio da mente, um poder de agir conforme a moderação, Sêneca instrui Nero para não pecar pelo excesso, principalmente no que concerne às paixões (KASTER, 2010, p. 137-140). A mente clara que o filósofo descreve, faz parte como já mencionado, de um comportamento baseado na racionalidade (BUENO, 2020, p. 201). Ademais, agir de modo clemente seria uma das formas pelas quais Nero garantiria o amor de seus súditos, o que para Griffin (2001, p. 138), seria a única forma de um governante alcançar a segurança. Para Nero conseguir atuar como um governante benevolente, ele não poderia deixar que suas emoções o dominassem, mesmo que as sentisse.

Contudo, o filósofo foi além. Como forma de reverberar e construir um impacto maior em torno de suas enunciações, Sêneca realizou o movimento de elevar e invocar as

sobre a Conspiração Pisoniana, acesse (BARRETT, 2016).



divindades no âmbito político. As aproximações entre o homem e divino¹⁰ se estreitavam no *De Clementia*, de modo que Nero não era somente alguém que foi guiado e escolhido por deuses, algo que já revela grande honra e mérito, mas sim alguém que tinha seu poder equiparado às divindades, seja na extensão do poder de suas decisões, seja na grandeza do cargo que ocupava. Além disso, no estoicismo, as crenças são o que permitem que as emoções sejam moldadas. Assim, Sêneca instituiu esse entrelaçamento com os deuses e com a virtude *clementia* como forma de evitar que Nero pecasse pelos excessos (KONSTAN, 2015, p. 178).

Um elemento interessante a ser mencionado é que essa projeção de Nero à grandeza não aconteceu apenas em *De Clementia*. Ao escrever *Consolação a Políbio*, durante seu exílio, Sêneca já faz menções do que seria o *princeps* ideal, algo que passa um pouco despercebido, segundo Fillion-Lahille (1989, p. 1615), em meio às considerações que o filósofo tece sobre a vida e a morte. Nessa obra, o autor também faz referência ao âmbito astral, mais especificamente ao tratar como o *princeps* deve agir para com seus súditos (CHAUMARTIN, 1989, p. 1710).

Por meio da utilização desse artifício divino, Sêneca demonstrou que ao evocar as divindades, o cosmos e o mundo político estavam mais próximos do que imaginamos. Desse jeito, examinaremos essa relação entre o divino e a política nos próximos parágrafos. Além disso, a nossa análise terá como objetivo explorar como essas evocações também refletem os princípios estoicistas defendidos por Sêneca e suas concepções acerca da relação entre a racionalidade e o divino.

ENTRELAÇAMENTOS ENTRE O DIVINO E NERO: A CONSTRUÇÃO DO ESPELHO DO PRINCEPS

Sêneca citou os deuses dezesseis vezes durante o tratado¹¹. Para esta análise, foram selecionados alguns desses trechos que mencionam as divindades¹². Além da citação direta dos deuses, Sêneca também utilizou o artifício de mobilizar palavras como “grandeza”,

¹⁰ Sêneca não foi o único autor que realizou esse movimento entre governantes e divindades. Plínio também tem uma série de cartas trocadas com o Imperador Trajano que tratam sobre os deuses. Apesar de as obras terem características distintas, ambas tratam desse paralelo entre o divino e a política.

¹¹ Essa contagem foi realizada na seguinte edição: *Tratado sobre a clemência / Lucius Annaeus Seneca*; introdução, tradução e notas de Ingeborg Braren. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. Vozes de Bolso.

¹² Os trechos não serão apresentados na mesma ordem do tratado, a seleção e montagem da ordem irá acontecer de acordo com a argumentação do artigo. Todos os trechos traduzidos presentes neste artigo foram retirados da seguinte versão do tratado: *Tratado sobre a clemência / Lucius Annaeus Seneca*; introdução, tradução e notas de Ingeborg Braren. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. – Vozes de bolso.



“superioridade” e “supremacia” para designar a posição que Nero ocupava¹³. A mensagem que Sêneca transmitiu é precisa e poderosa, o poder que reside nas mãos de Nero era absoluto e conseguia reverberar ainda mais ao vincular o poder do Imperador não à qualquer instituição humana, mas aos deuses (FEARS, 1975, p. 489).

No início do tratado, Sêneca mencionou que, como um espelho, o filósofo se propunha a mostrar que o jovem Nero estava prestes a receber o maior dos prazeres (*Clem.* I.1.1.). A abordagem inicial do filósofo revelava sua intenção para com o novo *princeps*: enunciar a grandiosidade envolvida em se tornar Imperador. Segundo a cosmologia estoica, cada um e todo ser humano possui um papel único a ser assumido (BOERI, 2009, p.188). Dessa maneira, a posição que Nero estava assumindo sempre havia sido dele. Contudo, ao chegar ao poder, também era preciso que sua excelência fosse alcançada, e, para tal, era necessário que o *princeps* agisse por meio da virtude, único modo de viver uma vida racional com perfeição (BOERI, 2013, p.188-189). Desse modo, Sêneca demonstra nesse espelho como Nero iria atingir o aspecto virtuoso necessário para governar, mostrando-lhe a imagem da clemência (STACEY, 2017, p. 294). Apesar de não ser uma citação direta aos deuses, a supremacia relacionada ao cargo já revela os caminhos que Sêneca percorrerá para cumprir sua missão. A primeira menção vem algumas estrofes depois (*Clem.* I. 1,2):

Será que por acaso eu, entre todos os mortais, agradei e fui eleito para desempenhar na terra o papel dos deuses? Eu sou o árbitro de vida e de morte desta gente. Está em minhas mãos a qualidade da sorte e da posição que cabe a cada pessoa.¹⁴

Sêneca, então, realizou um monólogo em que Nero é posicionado como alguém que foi escolhido, entre tantas pessoas, para desempenhar um papel na terra que refletisse as vontades dos deuses. Mais uma vez, o autor incitou o princípio da cosmologia estoica citada acima.

Ser Imperador era o destino de Nero. A eleição divina que levou Nero ao poder também é aquela que o ajudou a percorrer esse caminho, pois, assim como Sêneca serviu de espelho para demonstrar a Nero, seu papel, esse seria o espelho que refletiria as vontades e ações dos deuses, ponto também ressaltado por Bernard Mortureux (1989, p.1670). Além disso, a conexão com o cosmos e o conhecimento sobre ele, segundo o estoicismo, é o que possibilita o indivíduo de se conectar com o divino e viver bem (INWOOD, 2009, p. 217). E, no caso de Nero, era o que permitia que governasse bem e

¹³ As seguintes palavras aparecem nos trechos a seguir: Grandeza: *Clem.* I. 3.2; *Clem.* III.5.3.; *Clem.* VI. 8.3; *Clem.* XVIII. 20. 3 – Superior: *Clem.* II. 3.1; *Clem.* III.5.6 – Supremo: *Clem.* XVIII. 20. 3.

¹⁴ *Egone ex omnibus mortalibus placui electusque sum, qui in terris deorum vice fungerer ? Ego vitae necisque gentibus arbiter; qualem quisque sortem statumque habeat, in mea manu positum est.* (*Clem.* I. 1,2). Tradução de Braren (2013, p.43).



mudasse a forma de agir do *princeps* para melhor.

Então, a escolha de Nero para ser imperador não havia de ser em vão, o governante tinha sido escolhido justamente porque ele detinha da virtude necessária para governar, enquanto outros nasceram para serem governados (GUIMARÃES, 2019, p. 52). Diante disso, seria uma escolha do *princeps* decidir os futuros que teriam finais fortuneosos ou infortunios, ação essa que só poderia ser realizada também pelos deuses (FEARS, 1975, p.489). Dessa forma, nesse momento, é importante conceber que há uma dualidade nesse poder, pois ao mesmo tempo que Nero se aproxima dos deuses como uma pessoa que age em favor de suas vontades, ele também desfruta de um poder similar. Desse modo, percebe-se que ele não era somente alguém que iria agir em nome dos deuses, ele poderia agir tal qual os deuses.

Nesse ínterim, é importante ressaltar que os antigos acreditavam que após um período ruim de governo, um novo e melhor viria a substituir aquele. Dessa maneira, iniciava-se um novo ciclo (COELHO, 2021, p.77). O tratado surge, então, tanto para o engrandecimento do próprio Nero como imperador quanto para a sua legitimação no governo de Roma. Havia a necessidade de afastar a imagem de Nero de seu antecessor Claudio e lançá-lo como um novo tipo de imperador (KASTER, 2010, p. 133).

Seu antecessor e pai adotivo, Claudio, não era visto como um exemplo positivo de imperador na época em que assumiu. Claudio era conhecido por ser alguém cruel e arbitrário (SCHOFIELD, 2015, p. 68; KASTER, 2010, p. 133). Logo, Sêneca utiliza *De Clementia* para afastá-lo dessa imagem e concebê-lo como o imperador que seria o filho dos deuses e que possuía como referência seu próprio familiar (*Clem. I.9.1*), o Imperador Augusto, descrito por Sêneca como um *princeps* que foi abençoado pelos deuses e que não governou por meio da raiva (DRINKWATER, 2019, p.15; KER, 2015, p.110).

As seguintes passagens também fazem referência a esse poder divino que residia nas mãos do jovem Nero. Sêneca discorre, mais uma vez, sobre o poder de decisão sobre a vida ou a morte que o *princeps* detinha. Dessa vez, Sêneca relaciona o poder de salvar multidões à virtude da *clementia*, característica essencial que todo *princeps* devia possuir (*Clem. I. 26.5*):

A verdadeira felicidade consiste em proporcionar salvação a muitos e, da própria morte, fazê-los retornar à vida, merecendo a coroa cívica pela clemência. Não há ornamento mais digno da proeminência do príncipe e nada mais belo do que a famosa coroa: “por ter salvo a vida de cidadãos”, nem os carros manchados de sangue dos bárbaros, nem os despojos obtidos na guerra. Este é um poder divino, o de salvar multidões e em massa. Na verdade, matar muitos e indistintamente é poder do fogo e da destruição.¹⁵

¹⁵ *Felicitas illa multis salutem dare et ad vitam ab ipsa morte revocare et mereri clementia civicam.*



A partir deste trecho, insta salientar que no âmbito cosmológico estoico, esse estreitamento entre o deus e a mente permite que a morte e o infortúnio fossem postos em perspectiva (INWOOD, 2009, p.217). Dessa maneira, Sêneca discorria neste trecho e em muitos outros (*Clem.* I.1.2.; I.1.7; I.3.4; I.5.6; I.11.4) acerca dessa perspectiva, em que Nero, como um bom governante, poderia salvar muitos, ao passo que governos tirânicos matavam indistintamente, ou seja, não refletiam sobre essas vidas ou destinos. Sêneca, então, reforçava mais uma vez a boa governança aos deuses, e afastava a presença das divindades dos governos tiranos. Portanto, percebe-se como o filósofo instruída que o governante, caso precisasse usar a violência, o fizesse de maneira seletiva e calculada, algo que ele teria o poder de alcançar mobilizando a racionalidade por meio do atrelamento do divino e da mente. Este paralelo também pode ser observado na seguinte passagem, momento em que Sêneca realizava uma súplica por misericórdia e questionava a existência de determinados governantes (*Clem.*, I. 26.3):

Bons deuses, que maldição é esta: matar, seviciar, deleitar-se com o ruído dos grilhões, cortar as cabeças de cidadãos, derramar muito sangue por toda parte em que tiver passado e, com sua aparência, aterrorizar e afugentar? Que outro tipo de vida haveria, se os leões e ursos reinassem, se a direção do poder fosse dada às serpentes ou a qualquer animal muito mais nocivo para nós?¹⁶

Mais uma vez, Sêneca realizava esse movimento de afastamento entre os governos tirânicos e os deuses. Segundo a escola estoicista, as ações viciosas e virtuosas derivavam das crenças que cada um possuía (SEAL, 2015, p.216). Então, é possível perceber que Sêneca construía, em sua obra, como o governo de Nero poderia seguir dois caminhos: o do sucesso ou o do fracasso, e as suas crenças apontavam para qual caminho seu governo seguiria (LEIGH, 2017, p. 28). Ao associar a *clementia* e seus conselhos, Sêneca apostava no sucesso de Nero, enquanto os governos tirânicos se associavam ao fracasso.

Além disso, ao passo que realizava esse vínculo dos governos tirânicos com os animais, Sêneca refletia um princípio estoico em que havia uma distinção entre os animais e os seres humanos. Enquanto os seres humanos eram capazes de realizar processos de rejeição e seleção, os animais não possuíam tais capacidades (HINE, 2010, p.11). Outro ponto que se percebe a partir deste trecho sobre os animais e os governantes era a

Nullum ornamentum principis fastigio dignius pulchriusque est quam illa corona ob cives servatos, non hostilia arma detracta victis, non currus barbarorum sanguine cruenti, non parva bello spolia. Haec divina potentia est gregatim ac publice servare; multos quidem occidere et indiscretos incendii ac ruinae potentia est. (Clem. I. 26.5). Tradução de Braren (2013, p.82)

¹⁶ *Quod istud, di boni, malum est occidere, saevire, delectari sono catenarum et civium capita decidere, quocumque ventum est, multum sanguinis fundere, aspectu suo terrere ac fugare? Quae alia vita esset, si leones ursique regnarent, si serpentibus in nos ac noxiosissimo cuique animali daretur po- testas? (Clem, I. 26.3). Tradução de Braren (2013, p.81)*



similaridade com uma das seções do discurso de Balbo no livro *De Natura Deorum*, Sobre a natureza dos Deuses, de Cícero. Balbo refletia em suas falas muitas das crenças estoicas que existiam sobre o cosmos, a natureza, os deuses e sua relação com os seres humanos.

Em uma das seções do discurso, Balbo expressava como cada ser possuía seu lugar no mundo, escolhido pela divindade e ao agir de acordo com a natureza, estaria agindo em consonância com a razão divina (*Nat. D.* 2.87). A posição de cada ser era ponderada a partir de uma razão moderadora e pela providência divina (*Nat. D.* 2.87). Logo, percebe-se que Sêneca realizava esse paralelo entre seres humanos e os animais para demonstrar a atuação irracional que os animais teriam como governantes, comportamento que se equiparava com aquele os governos tirânicos tinham para com seus súditos. É importante entender que havia uma ordem que instituía o lugar próprio de cada ser do mundo. Portanto, Nero tinha a chance de agir com excelência e cumprir seu papel, se alinhando à natureza e à ordem divina.

Nota-se, então, como esse movimento de elevar Nero às divindades foi uma das formas pelas quais o filósofo mobilizou o divino. Os motivos que levaram à essa escolha pode ser relacionado ao fato de que Sêneca, conhecendo Nero, sabia que um caminho mais eficaz para chamar a atenção do *princeps* era produzir um tratado que, segundo Griffin, o elevasse a um “super-homem”, escolhido pelos deuses, para que, dessa forma, o jovem pudesse agir como o governante ideal que Sêneca projetava em sua obra (GRIFFIN, 2001, p. 160). Além do mais, o filósofo não afirmava que Nero foi escolhido pelos deuses como uma justificativa de seu supremo poder, mas sim para indicar a extensão desse (GRIFFIN, 2001, p. 204).

Sêneca oscilava em colocar Nero como esse ser que desfrutava do poder dos deuses e, ao mesmo tempo, colocá-lo como alguém que ainda servia aos deuses. Essa dualidade pode ser compreendida, a partir do entendimento que Sêneca possuía sobre a necessidade de haver uma constante procura pela perfeição, e que mesmo alcançada, ela precisava ser mantida. Para Aldo Setaioli (2014, p. 394), Sêneca utilizava a evocação das divindades, pois o ser humano era dotado de razão até um certo ponto. Por isso, o ser humano estava sujeito a sofrer impulsos. Dessa maneira, apesar de Sêneca elevar Nero a uma posição máxima de poder e supremacia, e instigar que o poder do *princeps* se igualava ao que os deuses possuíam, as divindades seguiam ainda com uma posição elevada e deviam estar sempre à frente das decisões que fossem formuladas por Nero.

No trecho abaixo, mais uma vez, podemos verificar como o filósofo propunha a Nero, que ele, como governante, devesse estabelecer seu comportamento por meio da relação que o próprio tivesse para com os deuses. Em concomitância a isso, em suas Epístolas



(*Ep.* 31.10-11), Sêneca reflete como o divino habita somente o corpo que consegue alcançar uma alma virtuosa. Logo, ao propor esse paralelo entre as condutas, o filósofo também reforça a concepção de que o *princeps* tinha uma conexão especial com os deuses e de que possuía a alma virtuosa necessária para agir como o *princeps* clemente e moderado (*Clem.* I. 7.1):

Já que fiz menção aos deuses, seria ótimo que eu estabelecesse um modelo de formação de príncipe, que quisesse ter para com os seus súditos as mesmas disposições que os deuses têm para com ele. Há proveito, pois, em ter divindades implacáveis diante de nossos pecados e erros? Há proveito em tê-los hostis até nossa final destruição? ¹⁷

É evidente como a obra ressalta vividamente a centralização do poder presente nas mãos do Imperador Nero, contemplando-o como corpo e alma do governo (*Clem.* I.3.5; *Clem.* III.5.1). Contudo, o filósofo restringia esse poder a uma categoria de *princeps* ideal, que era clemente e não agia por impulsividade.

Percebe-se, então, que o filósofo projetava em Nero um comportamento que se alinhava com o que um sábio deveria ter em sua posição (RIST, 1989, p. 2006). Apesar de ter consciência do poder absoluto que residia nas mãos de Nero, Sêneca tomou como propósito instruí-lo a agir com cautela. Ao mobilizar que ele se espelhasse no divino, Sêneca se assemelhava com uma passagem de sua obra *Naturales Questiones* (Questões Naturais). O filósofo dissertava que, ao mobilizar a virtude moral, a mente estaria pronta para fazer grandes descobertas e seria possível ocupar um lugar ao lado dos deuses (*Nat. Q.* I. 6–8). Assim, ao estabelecer esse modelo de *princeps* por meio da racionalidade e da virtude *clementia*, Nero seria capaz de agir da mesma forma que os deuses, alcançando seu lugar ao lado deles. Em virtude disso, Sêneca também estabelecia em suas Epístolas que, apesar de termos naturezas distintas dos deuses por sermos mortais, somos capazes de construir uma natureza similar por meio de um comportamento alinhado à natureza divina (*Ep.* 124. 14).

Outro ponto interessante concernente a essa formulação de modelo de *princeps* realizada por Sêneca, era como na própria obra, em sua versão em latim, o filósofo utilizava da palavra *princeps* (príncipe) para se referir a Nero e não *rex* (rei) – palavra conhecida como um título inimigo da tradição política romana (KASTER, 2010, p.184). Além de ser um termo que tinha raízes republicanas, a escolha por chamar Nero de *princeps* demonstrava uma influência helenística em suas escritas. Miriam Griffin (2001, p.143) também concorda

¹⁷ *Quoniam deorum feci mentionem, optime hoc exemplum principi constituam, ad quod formetur, ut se talem esse civibus, quales sibi deos velit. Expediit ergo habere inexorabilia peccatis atque erroribus numina, expediit usque ad ultimam infesta perniciem? Et quis regum erit tutus, cuius non membra haruspices colligant?* (*Clem.* I. 7.1). Tradução de Braren (2013, p.59).



que a composição do *De Clementia* teve como inspiração os tratados reais produzidos no período helenístico.

Essa associação com o estilo helenístico tinha total concomitância com a própria trajetória do Imperador. Nero tinha um grande apreço pelo o universo das artes e, conseqüentemente, pelo mundo grego. Essa relação não alterou apenas a forma como Nero governava, mas também como seus retratos foram construídos. As representações de Nero o colocavam como alguém que tinha vida em abundância e um estilo muito elegante, características que remetem ao estilo helenístico (MRATSCHEK, 2013, p. 47). Outro tipo de representação muito comum no campo helenístico era a comparação do Imperador Nero com a figura de *Helios*, deus-sol na cultura grega (MRATSCHEK, 2013, p.49). Desse modo, Nero era associado a um simbolismo solar que o colocava como alguém que representava esse deus e tinha como função observar o mundo e ser o guardião da ordem cósmica (MRATSCHEK, 2013, p.49). Na literatura de Sêneca, Apolo era o deus que aparecia representando o sol. Apesar de ser na obra *Apocolocintose*, na qual Sêneca faz uma menção direta a essa relação sol-Nero¹⁸, traços desta simbologia também podem ser observados na obra *De Clementia*.

Além da relação direta estabelecida por Sêneca com os deuses, como já visto, ele mobilizava essa dualidade de funções em Nero: 1) como imperador, Nero tinha a missão de atuar a partir da *clementia* para com seus súditos, agindo por meio de um pensamento moderado e não se deixando ser tomado pela impulsividade; 2) como filho dos deuses, Nero tinha como objetivo agir por meio do nome dos deuses, representando as características que os deuses seguiam e praticavam em seu governo. Atuando, dessa maneira, como o guardião do mundo cósmico.

Mais uma vez, podemos identificar como essa associação com Nero e os deuses carregava uma força não somente no âmbito simbólico, mas também na forma como o governante era reconhecido pelos outros. Nero não se aproximava do modelo de governo de seus antecessores e se destacava ao mudar a forma como a glória era concebida em seu governo (JOLY, 2020, p.302). Paralelo a isso, Sêneca reverberava essas características em sua obra e reforçava a ideia de aproximação que existe entre o cosmos e a política.

Há também um trecho muito interessante em que Sêneca realizava uma espécie de lembrete para Nero. O filósofo defendia que a *clementia*, virtude real essencial para se garantir a boa governança, devia partir inicialmente e de modo sincero do próprio *princeps*, colocando em pauta que Nero agia por meio do livre-arbítrio e que ele tinha consciência de

¹⁸ Outro autor antigo que faz uma menção interessante a Nero, comparando-o ao sol, foi Suetônio. No início da biografia de Nero, o autor dissertou que o nascimento do jovem governante ocorreu durante o nascer do sol, e por sorte, o sol lhe tocou antes da terra (Suet. *Ner.* 1.6).



suas ações (MORTUREUX, 1989, p. 1676). Dessa forma, em *Clem. I, 1.4.*, Sêneca expõe que:

Mantenho minha severidade resguardada, porém a clemência de prontidão. Assim, contendo-me como se eu tivesse de prestar contas às Leis que, do abandono e das trevas, chamei à luz. Deixei-me comover pela pouca idade de uns e pela muita idade de outros. Recompensei alguns por sua dignidade e outros por sua humildade. Todas as vezes que não encontrara nenhum motivo de compaixão, poupei por minha conta. Hoje, se os deuses imortais me requisitarem uma prestação de contas, estarei apto a apresentar-lhes o número total da raça humana.¹⁹

Ao ter acionado essa prestação de contas, mais uma vez Sêneca restringia a posição de Nero como alguém ainda subjugado aos deuses. Por mais que pudesse vivenciar os poderes que os deuses lhe agraciaram, se ele não agisse de acordo, os deuses o chamariam para realizar uma prestação de contas (FEARS, 1975, p. 490). Ao mobilizar a *clementia* e descrever detalhadamente os caminhos que Nero deveria seguir, Sêneca desenvolveu, por meio da racionalidade, o modo pelo qual Nero poderia ser bom e confiava essa apresentação de Nero aos deuses. Ademais, havia outro trecho um pouco à frente no tratado que ressaltava “(...) [que] ninguém pode sustentar uma máscara durante longo tempo. Muito cedo, as coisas fingidas recaem em sua própria natureza”. (*Clem. I.1.6*). Portanto, a busca por essa racionalidade do agir devia acontecer de forma genuína.

Em suas epístolas, Sêneca também pontuava que o agente só encontrava o bem quando encontrava a razão (*Ep. 124. 8–9*). Dessa maneira, o bem só poderia se tornar perfeito quando o agente (ser humano) se esforçava para alcançar a perfeição. Portanto, Sêneca demonstrava como as ações do *princeps* deviam partir de uma racionalidade que devia perpetuar e permear a mente de Nero e suas ações como imperador. Esse ponto era reforçado quando Sêneca evocava no trecho acima que, mesmo não encontrando motivos para compaixão, ele a teve, demonstrando como a racionalidade estava inerente a sua mente.

CONCLUSÃO

Sêneca construiu para Nero um tratado que dissertou acerca dos caminhos que o jovem governante devia traçar para alcançar o espelho do *princeps* clemente. Desse modo, o filósofo por meio da virtude da *clementia* e da racionalidade, ambas providas pela providência divina, trouxe ao jovem imperador um guia para se tornar um *princeps* ideal.

¹⁹ *Severitatem abditam, at clementiam in procinctu habeo ; sic me custodio, tamquam legibus, quas ex situ ac tenebris in lucem evocavi, rationem redditurus sim. Alterius aetate prima motus sum, alterius ultima ; alium dignitati donavi, alium humilitati; quotiens nullam inveneram misericordiae causam, mihi peperci. Hodie dis immortalibus, si a me rationem repetant, adnumerare genus humanum paratus sum.* (*Clem. I, 1.4*). Tradução de Braren (2013, p.43-44).



Sêneca buscou atuar como um mestre estoico deveria, a fim de que seus saberes refletissem na atuação do novo governante e, muito além, buscou guiá-lo não só pela busca incessante pela excelência por meio da razão, como também, pela mobilização dos deuses, esses que regem todos os seres do mundo e que escolhem para cada um deles o seu lugar ideal. Ao utilizar de seus conhecimentos sobre a natureza perfeita e o cosmos, Sêneca projetou a criação do *princeps* perfeito, aquele agia com brandura e cautela, procurando atingir o patamar da excelência, para que assim, estivesse alinhado com o cosmos e refletisse a perfeição que só os deuses possuíam.

Outro ponto que foi possível explorar através da análise foi o de como Sêneca, sutilmente e de modo muito eficaz, exaltou esse principado focado no poder absoluto de Nero. Em resumo, verificou-se que a construção em torno do *princeps* em concomitância com as divindades, perpassou por três áreas: 1) Nero foi o ser mais qualificado, justamente por ser escolhido pelos deuses; 2) O poder e ações do imperador precisavam atender à virtude *clementia*, que só poderia ser conseguida por meio da racionalidade e que aproximava Nero dos deuses, 3) Caso Nero não obedecesse e respeitasse as divindades, o *princeps* estava sujeito a prestar contas aos deuses.

Considerando-se o período político da época e as disputas que estavam em jogo, podemos constatar que o tratado *De Clementia* criava um universo em que a figura do *princeps* estava entrelaçada aos deuses e ao um poder imensurável que carregava grandes responsabilidades, e essa aproximação ia além simplesmente de uma metáfora (MORTUREUX, 1989, p. 1664). A aproximação entre o mundo político e o mundo divino que Sêneca criara em sua obra não aproximava somente Nero das divindades, mas também todos aqueles que seguiam o *princeps*.

FONTES

CICERO. **Sobre a Natureza dos Deuses**. Texto traduzido por Leandro Abel Vendemiatti. Campinas, SP: [s.n.], 2003.

SENECA, Lucius Annaeus. **Cartas a Lucílio**. Tradução, Prefácio e Notas de J.A. Segurado e Campos. Lisboa, 2004.

SENECA, Lucius Annaeus. **Natural Questions**. Texto traduzido por Harry M. Hine. University of Chicago Press, 2010.

SENECA, Lucius Annaeus. **Tratado sobre a Clemência**. Introdução, tradução e notas de Ingeborg Braren. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. – Vozes de bolso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Sarah Fernandes Lino de. **História, Retórica e Mulheres no Império Romano:**



Um estudo sobre as personagens femininas e a construção da imagem de Nero na narrativa de Tácito. In: Coleção Impérios Romanos-Série: Estudos. Editora UFOP, 2012.

BARRETT A., Anthony; FANTHAM, Elaine; YARDLEY, C. John. **The Emperor Nero: A Guide To The Ancient Sources.** Princeton University Press, New Jersey, 2016.

BOERI, Marcelo D. Does Cosmic Nature Matter? Some Remarks on the Cosmological Aspects of Stoic Ethics. In: SALLES, Ricardo (ed.) **God and Cosmos in Stoicism.** Oxford: OUP, 2009, 275 p.

BRAUND, Susana. Seneca Multiplex: The Phases (and Phrases) of Seneca's Life and Work. In: BARTSCH, Shadi; SCHIESARO, Alessandro. **The Cambridge Companion to Seneca.** Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

BUENO, Taynam Santos Luz. Manutenção e legitimação do poder em Sêneca: A Clemência como Atributo do Bom Governante. In: **Perspectiva Filosófica**, vol. 47, n. 1, 2020.

CHAUMARTIN, Francois-Regis. Le "De Vita Beata" et le "De Beneficiis" de Sénèque. In: HAASE, Wolfgang; TEMPORINI, Hildegard. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt (ANRW).** De Gruyter, 1989.

COELHO, Ana Lucia Santos. **As Metamorfoses de Nero: um estudo da construção da tradição literária sobre o último Júlio-Claúdio e o seu Principado (I-III d.C.),** 2021. 403 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

DRINKWATER, John F. **Nero: Emperor and Court.** Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2019.

FAVERSANI, Fábio. **Quinquennius Neronis e a ideia de um bom governo.** In: Phoênix, v. 20, n. 1, p. 158-177, 2020.

FEARS, J. Rufus. Nero as the Vicegerent of the Gods in Seneca's De Clementia. In: **Hermes.** 103 (4):486-496, 1975.

FILLION – LAHILLE, Janine. "Les Consolations" et le "De ira" de Sénèque. In: HAASE, Wolfgang, TEMPORINI, Hildgard. **Aufstieg und Niedergang Der Romischen Welt (Anrw).** Walter de Gruyter, 1989.

GRIFFIN, Miriam. **Seneca: A Philosopher in Politics.** Oxford: Clarendon Press, 2001.

GUIMARÃES, Jéssica Luiza da Silva. De Clementia: A Construção Ideológica do Príncipe Ideal de Sêneca. In: **Humanidades em Revista.** Rio de Janeiro- CCH-UNIRIO. v.1, nº 2, 2019-2.

HABINEK, Thomas. Imago suae vitae: Seneca's Life and Career. In: DAMSCHEN, Gregor; HEIL, Andreas. **Brill's Companion to Seneca: Philosopher and Dramatist.** Brill's Companions in Classical Studies. Leiden; Boston: Brill, 2014.

HOOLEY, Daniel. "Ain't Sayin'": Persius in Neroland. In: BARTSCH, Shadi; FREUDENBURG, Kirk; LITTLEWOOD, Cedric. (Eds). **The Cambridge Companion to the Age of Nero.** Cambridge University Press, 2017.

INWOOD, Brad. Why Psysics? In: SALLES, Ricardo (ed.) **God and Cosmos in Stoicism.** Oxford: OUP, 2009, 275 p.



JOLY, Fábio. D. Nero, um artista no poder. In: REDE, M. (Org.). **Vidas Antigas**. 1ª ed. São Paulo: Intermeios, 2020, v. 2, p. 279-304.

KASTER, Robert A. **Anger, Mercy, Revenge**. Chicago: University of Chicago Press, 2010.

KER, James. Seneca and Augustan Culture. In: BARTSCH, Shadi; SCHIESARO, Alessandro (Eds.). **The Cambridge Companion to Seneca**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

KONSTAN, David. Senecan Emotions. In: BARTSCH, Shadi; SCHIESARO, Alessandro (Eds.). **The Cambridge Companion to Seneca**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

LAPIDGE, Michael. Stoic Cosmology and Roman Literature, First to Third Centuries A.D. In: HAASE, Wolfgang, TEMPORINI, Hildgard. **Aufstieg und Niedergang Der Romischen Welt (Anrw)**. Walter de Gruyter, 1989.

LEHOUX, Daryn. **What Did the Romans Know? An Inquiry into Science and Worldmaking**. Chicago: University of Chicago Press, 2012.

LEIGH, Matthew. Nero the Performer. In: BARTSCH, Shadi; FREUDENBURG, Kirk; LITTLEWOOD, Cedric. (Eds.). **The Cambridge Companion to the Age of Nero**. Cambridge University Press, 2017.

LENTANO, Mario. *De beneficiis*. In: DAMSCHEN, Gregor; HEIL, Andreas. **Brill's Companion to Seneca: Philosopher and Dramatist**. Brill's Companions in Classical Studies. Leiden; Boston: Brill, 2014.

MACRAE, Duncan. **Legible Religion: Books, Gods, and Rituals in Roman Culture**. Cambridge: Harvard University Press, 2016.

MALASPINA, Ermanno. *De Clementia*. In: DAMSCHEN, Gregor; HEIL, Andreas. **Brill's Companion to Seneca: Philosopher and Dramatist**. Brill's Companions in Classical Studies. Leiden; Boston: Brill, 2014.

MARSHALL, Charles W. The Works of Seneca the Younger and Their Dates. In: DAMSCHEN, Gregor; HEIL, Andreas. (Eds.) **Brill's Companion to Seneca: Philosopher and Dramatist**. Brill's Companions in Classical Studies. Leiden; Boston: Brill, 2014.

MRATSCHEK, Sigrid. Nero the Imperial Misfit: Philhellenism in a Rich Man's World. In: BUCKLEY, Emma; DINTER, Martin (Eds.). **A Companion to the Neronian Age**. John Wiley & Sons, 2013.

MORTUREUX, Bernard. *De Clementia*. In: HAASE, Wolfgang; TEMPORINI, Hildgard. **Aufstieg und Niedergang Der Romischen Welt (Anrw)**. Walter de Gruyter, 1989.

OSGOOD, Josiah. Nero and the Senate. In: BARTSCH, Shadi; FREUDENBURG, Kirk; LITTLEWOOD, Cedric (Eds.). **The Cambridge Companion to the Age of Nero**. Cambridge University Press, 2017.

PAGÁN, Victoria Emma (Ed.). **The Tacitus Encyclopedia**. John Wiley & Sons, Incorporated, 2023.

RIST, M. John. Seneca and Stoic Orthodoxy. In: HAASE, Wolfgang, TEMPORINI, Hildgard. **Aufstieg und Niedergang Der Romischen Welt (Anrw)**. Walter de Gruyter, 1989.



SALLES, Ricardo. La razón cósmica en el estoicismo y sus raíces platónicas. **Anuario Filosófico**, 46 (1), 2013, p. 49-77.

SEAL, Carey. Theory and Practice in Seneca's Writings. In: In: BARTSCH, Shadi; SCHIESARO, Alessandro (Eds.). **The Cambridge Companion to Seneca**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

SCHOFIELD, Malcolm. Seneca on Monarchy and the Political Life: *De Clementia*, *De Tranquillitate Animi*, *De Otio*. In: BARTSCH, Shadi; SCHIESARO, Alessandro (Eds.). **The Cambridge Companion to Seneca**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

SETAIOLI, Aldo. Physics III: Theology In: DAMSCHEN, Gregor; HEIL, Andreas. **Brill's Companion to Seneca: Philosopher and Dramatist**. Brill's Companions in Classical Studies. Leiden; Boston: Brill, 2014.

_____. Seneca and the Ancient World. In: BARTSCH, Shadi; SCHIESARO, Alessandro (Eds.). **The Cambridge Companion to Seneca**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

STACEY, Peter. The Image of Nero in Renaissance Political Thought. In: BARTSCH, Shadi; FREUDENBURG, Kirk; LITTLEWOOD, Cedric (Eds.). **The Cambridge Companion to the Age of Nero**. Cambridge University Press, 2017.